



UNICAMP



A REPRESENTAÇÃO FEMININA NO FUNK CARIOCA

Palavras-Chave: FUNK CARIOCA, REPRESENTAÇÕES, SEXUALIDADE

Autores(as):

BEATRIZ PONCIO, COTIL – UNICAMP

FELIPE CORREA DE ARAUJO, COTIL – UNICAMP

JESSICA PALOMA SOUZA DOS SANTOS, COTIL - UNICAMP

Prof^(a). Dr^(a). CAROLINA MESSORA BAGNOLO (orientador(a)), COTIL - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

Num cenário dominado pela música sertaneja, dois gêneros musicais têm se despontado na lista das mais ouvidas no Spotify: o funk e o rap representam 55% das execuções totais de artistas de uma das maiores distribuidoras digitais do país, a ONErpm, entre outubro de 2021 e janeiro de 2023, refletindo um momento de ascensão desses estilos no streaming. É importante destacar também a presença desses gêneros em redes sociais como o TikTok. (EM UM ANO, FUNK E RAP CRESCEM 200% NO TOP10 DO SPOTIFY, 2022)

Embora o funk domine as redes sociais e os canais de streaming, é importante ressaltar que há um processo de criminalização do gênero, principalmente a partir dos anos 90. O ritmo trata de questões como violência, sexo, drogas e, por isso, incomoda. No entanto, é importante lembrar que a música é produtora e reprodutora da realidade. Dito de outra forma, esses temas que são criticados representam a realidade da sociedade em geral e, por isso, precisam ser debatidos. A entrada das mulheres no cenário do funk revela um movimento significativo de quebra de paradigmas. Tradicionalmente dominado por artistas masculinos, como é abordado por Milton e Santos (2014), o gênero tem visto um crescimento exponencial de mulheres assumindo papéis de protagonismo tanto na criação quanto na performance musical.

Esse fenômeno não apenas diversifica as vozes e perspectivas dentro do funk, mas também desafia e reconfigura as normas de gênero na indústria musical brasileira. As mulheres como protagonistas no funk não se limitam apenas à representação artística, como apresentado no capítulo 2 de "A mulher no funk: o caminho entre a exposição e o protagonismo" Pavão (2019); elas também desempenham um papel crucial na construção de narrativas que refletem suas próprias experiências e lutas sociais. Através de suas letras e performances, estas artistas abordam questões como sexualidade, empoderamento feminino e desigualdades sociais, contribuindo para um diálogo mais amplo sobre identidade e justiça social.

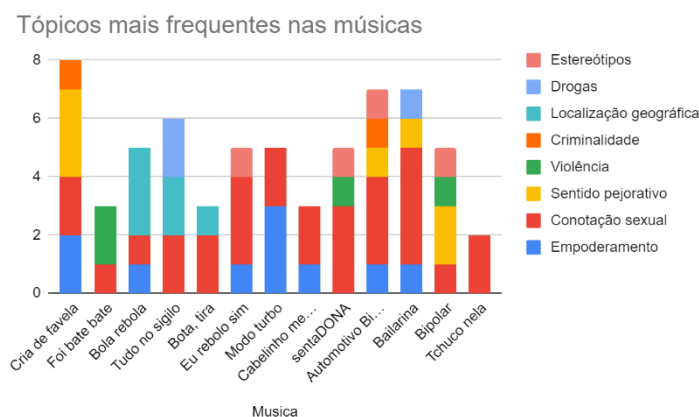
A pesquisa explora a representação da sexualidade feminina no funk carioca, focando nas músicas lançadas por mulheres entre 2019 e 2023 que têm mais de 5 milhões de visualizações no YouTube. A análise envolveu a seleção de músicas, leitura das letras e criação de categorias para identificar temas recorrentes, como empoderamento, conotação sexual, violência, criminalidade, e estereótipos. Também foi realizado um levantamento bibliográfico para associar palavras-chave relevantes ao tema, utilizando o Google Acadêmico como base de dados. O estudo visa, por fim, entender como a sexualidade feminina é representada nas músicas.

METODOLOGIA:

Para o levantamento dos funks produzidos por mulheres, foi realizado um escopo que delimitou o ano de publicação das músicas e também o número de visualizações de acesso na plataforma da mídia social Youtube - Uma das principais plataformas de vídeos online da atualidade. O ano de publicação estabelecido foi de 2019-2023, totalizando 5 anos de abrangência para a seleção dos funks. Além disso, outro critério a ser considerado é o número de visualizações no Youtube, estabelecido a marca mínima de 5 milhões de acessos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Para uma análise mais detalhada, decidimos criar um gráfico para visualizar de maneira clara os temas mais frequentes abordados em cada música.



As músicas foram analisadas em tópicos diferentes e, de acordo com o gráfico, a “conotação sexual” é o tópico mais presente nas músicas, assim conseguimos ver a presença marcante de palavras que sugerem objeto, ideia, palavra ou atitude além de indicar sexo ou a sexualização feminina. Podemos observar tais características em trechos como: “Minha boquinha faz coisas que sua mente não esquece”, (Eu rebolo sim, Mc Mirella); “12 horas de prazer, não acaba meu tesão/Dentro de 4 paredes eu faço várias posições”.

Foi notório também que o empoderamento estava muito presente nas músicas, trazendo um processo de autoconhecimento, como nos trechos “Não adianta me intimidar” (Cria de Favela, part. DJ Gabriel do Borel, Mc Mirella), “Ôh, como cê tá maravilhosa, com esses shortinhos e esse batonzinho

rosa” (Como se tá maravilhosa, Mc Drika e Mc Lipe) e “Eu rebolo, sim de um jeito que te enlouquece” (Eu rebolo Sim, Mc Mirella, part. Mc Branquinha)

O sentido pejorativo aparece em menor quantidade, porém muito presente nas músicas, exprimindo um sentido desagradável ou de desaprovação; depreciativo em relação a sexualidade e a identidade da mulher de maneira geral. As frases em que podemos observar tal comportamento são: “Me xinga toda hora” e “vai se tratar garota” presentes na música Bipolar (MC Don Juan part. MC Davi e MC Pedrinho) e em várias outras ocasiões. Podemos observar de modo específico, que a música “Cria de favela” possui a maior quantidade de frases que se encaixam nos tópicos.

A partir do levantamento de dados e pesquisa bibliográfica, pode-se observar que, atualmente, a mulher no funk carioca está mantendo e adicionando estereótipos a sua imagem no meio artístico. Desde muito cedo a história da mulher nesse espaço se baseia na sua imagem e sexualidade, segundo Amorim (2009) no espaço discursivo do funk, a mulher passa a incorporar um cenário específico – a interação dela com a própria sexualidade e com o outro é construída na e pela proposta do movimento cultural. Trata-se de uma situação, na qual a mulher admite uma postura considerada por muitos grupos religiosos, de direitos sociais e movimentos feministas como objeto sexual. A representação que se constrói em torno da figura feminina em bailes funk é, muitas vezes, a de alguém que expõe sua sexualidade de forma vulgar (AMORIM, 2009). Esse tipo de comportamento pode ser observado neste trecho da música “Eu rebolo sim” da funkeira MC Mirella, no qual a cantora se retrata como um objeto sexual, que agrada o homem.

Esse tipo de visão da mulher, muitas vezes chama atenção da sociedade de maneira negativa, pois a constante exposição e sexualização do corpo feminino de forma pejorativa e a linguagem usada para se referir a elas acaba promovendo uma não aceitação do funk como um movimento cultural brasileiro. Em questão da música em si, as letras não possuem dificuldades, geralmente são simples e repetitivas. O que chama atenção, de fato, é a batida que promove a dança do funk, que não é vista como expressão artística, mas sim como movimentos corporais de cunho sexual e muitas vezes erótico que remete as cenas íntimas de um casal, e mesmo que dançada por apenas uma pessoa, ainda se aproxima do erotismo (AMORIM, 2009).

Em algumas músicas, funkeiras podem inverter os papéis impostos pelo patriarcado e assumir o papel de dominadora em certas situações, além de representar o empoderamento feminino, porém, também pode assumir o caráter de submissão. No exemplo abaixo (“Modo turbo”; Anitta, Luisa Sonza e Pablo Vitar), a mulher deixa claro que irá ter controle da situação.

*“Aposto contigo, vai fazer o que eu quiser
Com essa turbulência, tu não vai parar em pé
Hoje eu fico louca, looping de beijar na boca
Vem comigo quem aguenta essa porra a noite toda”*

O funk também é símbolo de contradições, nas canções é visto o ilegal se misturando com o legal, o sexo excessivo e o pudor, a beleza e os males da sociedade (PAVÃO, 2019). Essa antítese pode ser muito bem observada quando a menção de drogas e armas juntamente com expressões

sexuais é notada em uma grande quantidade de músicas desse movimento, uma delas “Cria de Favela” de Mc Mirella part. DJ Gabriel do Borel, a qual é notória a normalização de posse de arma.

Segundo Pavão, a música produzida por homens manifesta características altamente machistas, ditando a sexualidade feminina de maneira majoritariamente exclusiva para a satisfação masculina, na qual os elementos pornográficos das letras e coreografias do ritmo destacam os papéis de gêneros atribuídos, a música “Como se tá maravilhosa” de Mc Drika e Mc Lipe é um exemplo:

*“Ôh, como cê tá maravilhosa
Com esses shortinhos e esse batonzinho rosa
Desce me instigando, e o jeito que malandro gosta
Desce me instigando, e o jeito que malandro gosta”*

Inicialmente, a participação das mulheres era de apenas expectadora e só começam a integrar o movimento nos anos 90 como dançarinas, assumiram e possuíam características físicas e de vestuário marcantes, servindo de impulso para a construção do estereótipo da mulher funkeira com corpos sensuais e vestindo se de maneira vulgar, com roupas curtas, justas e decotadas e só na virada do milênio o funk adquire novas características e a participação feminina.

Segundo Milton e Santos (2014), o homem fala abertamente sobre a sua sexualidade e assume o controle sobre suas próprias vontades e sobre o seu corpo, enquanto a mulher ocupa o papel de objeto sexual por meio de uma linguagem que faz uso de palavrões e erotismo exacerbado, sendo tratada como objeto de desejo, passivo e submisso e o discurso é centrado no papel dominador do homem nas relações, não havendo limites e nem regras a serem seguidas. em 2000, o funk passa por uma transformação em seu cenário e a partir disso a mulher passa a tratar o homem do mesmo modo, como objetos sexuais em letras repletas de erotismo, indicando o desejo da mesma sobrepondo a do parceiro. sendo assim, deixam de ser coadjuvantes e se tornam protagonistas, ocupando o espaço dos homens no movimento. (Música 1 “Como se tá maravilhosa”, MC Drika e Mc Lipe; Música 2 “Eu rebolo sim” Mc Mirella.)

*“Mas que novinho charmoso
Que mete gostoso
E se eu chamar, vem de novo”*

*“Você sabe bem
Que nesse game eu te supero
Eu só vou te usar
Romance agora eu não quero”*

Enquanto as funkeiras buscam comprovar a sexualidade feminina e afrontar as normas de gênero tradicionais, acabam reproduzindo perspectivas sexistas e patriarcais presentes na sociedade. (Milton; Santos, 2014).

É importante pontuar, que atualmente existe o “funk de asfalto”, que possui sua produção voltada para um público grande fora das favelas cariocas. Artistas como a Anitta fazem parte desse grupo, no qual as letras são “maquiadas” para serem bem aceitas pelo público. De acordo com Milton

e Santos (2014), a cantora, em suas letras, não destaca o empoderamento feminino, mas sim em um poder voltada à inveja que causam usando conceitos como “recalque”, além de ser um dos exemplos da adaptação ao mercado do funk para alcançar novos públicos .

Por isso, é possível afirmar que atualmente, por mais que tenha espaço no contexto do funk, a mulher ainda é estereotipada como objeto sexual, vulgarizada e passiva. Porém, pode-se observar também que, por mais que possua todos esses julgamentos, ela consegue construir um cenário no qual é protagonista e empoderada, sem se submeter a ninguém.

CONCLUSÕES:

O crescimento do funk e do rap no cenário musical brasileiro, dominado pelo sertanejo, destaca não apenas uma mudança de preferências, mas também uma afirmação cultural importante. A entrada das mulheres no funk não só diversifica a indústria musical, mas desafia normas de gênero, ampliando o espaço para novas narrativas e vozes.

Além disso, nota-se a tendência de mercantilização das produções de funk produzido por mulheres ,o qual tende a valorização do atendimento das demandas do mercado ao invés de, como nos princípios do gênero musical, denunciar e empoderar pautas do universo feminino diante de situações da sociedade contemporânea. Sendo assim, a partir das análises das músicas levantadas, pode-se observar que a maneira que a sexualidade da mulher é retratada, na maioria das vezes, como objeto (principalmente do ponto de vista masculino), mas também como fruto de empoderamento, na qual a mulher afirma ser dona si e impõe sem medo o seu desejo.

BIBLIOGRAFIA

AMORIM, Márcia Fonseca de. **O discurso da e sobre a mulher no funk brasileiro de cunho erótico: uma proposta de análise do universo sexual feminino**. 2009. 177 f. Tese (Doutorado) - Curso de Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

COSTA, Natália Cristine. **As funkeiras, o funk e um discurso que só elas podem fazer**. 2016. 11 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História Cultural, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

EM UM ANO, FUNK E RAP CRESCEM 200% NO TOP 10 DO SPOTIFY. São Paulo: Ubc, 21 jun. 2022. Disponível em: <https://www.ubc.org.br/publicacoes/noticia/20143/em-um-ano-funk-e-rap-crecem-200-no-top-10-do-spotify>. Acesso em: 05 ago. 2023.

MILTON, Gabriela Cirqueira; SANTOS, Karen Monteiro Aurelino dos. **“LATE QUE EU TÔ PASSANDO” REPRESENTAÇÃO DA SEXUALIDADE FEMININA POR MULHERES DO FUNK**. 2014. 60 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

PAVÃO, Karolina Sanches. **A MULHER NO FUNK: O CAMINHO ENTRE A EXPOSIÇÃO E O PROTAGONISMO**. 2019. 54 f. TCC (Graduação) - Curso de Design de Moda, Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019